

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: A IMPORTÂNCIA DO PSICOPEDAGOGO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

TEIXEIRA, Elinéia Dias ¹

MENEZES, Ivanir Olegário de ²

Resumo

O psicopedagogo é fundamental na escola, podendo ajudar educadores a desenvolver seu papel frente às necessidades que aparecem na sala de aula. Esta pesquisa teve como objetivo mostrar a importância de um psicopedagogo na equipe interdisciplinar, para que o diagnóstico e intervenção ocorram corretamente. Discute, ainda, a situação dos professores frente à problemática. A psicopedagogia tem como objeto de estudo a aprendizagem humana e trabalha em parceria com os diversos profissionais que atuam em sua área de abrangência. Para que a pesquisa fosse realizada, foi respondido questionário por profissionais da Orientação e Supervisão Escolar de duas instituições públicas do Município de Jaru-RO. Os resultados apontam que os alunos de 1º ano ao 5º ano, que apresentam dificuldades de aprendizagem, recebem de seus professores reforço escolar, mesmo esses não tendo suporte do psicopedagogo e da equipe interdisciplinar, nem recebendo capacitação para trabalhar algumas deficiências e dificuldades. Ainda assim, conforme relatado no questionário, os docentes se consideram aptos para lidar com os respectivos alunos, pois buscam conhecimentos em fontes eletrônicas; entretanto nem recursos e nem uma metodologia diferenciada há, impossibilitando o pleno desenvolvimento do aluno e sua interação com o mundo e com outras pessoas. O psicopedagogo pode atuar terapeuticamente na escola de modo a preparar o professor para a realização de atendimentos pedagógicos individualizados, por isso sua presença é tão importante e necessária no ambiente escolar.

Palavras – Chave: Dificuldade de aprendizagem. Psicopedagogo.

ABSTRACT

A psycho-pedagogue is of utmost importance at school because of their capacity to help teachers to develop their role facing the necessities that occur in the classroom. The aim of this study is to show the importance of a psycho-pedagogue in the interdisciplinary team in order to reach correct diagnosis as well as right kind of intervention. The study also discusses the situation of the teachers facing this problematic. Psychopedagogy studies the human learning and works together with diverse professionals that act in their respective areas. In order to conduct this research, a questionnaire was answered by professionals of educational guidance and supervision from two different public schools in Jaru – RO. The results show that the pupils from first to fifth grades, that present some learning difficulties, get reinforcement classes from their teachers. This takes place even when teachers

Artigo apresentado para conclusão de curso de Graduação Pedagogia Habilitação em Magistério da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. (Faculdade de Educação de Jaru Fimca/Unicentro.) elineiadias29@hotmail.com.

² _Licenciada em Língua Portuguesa pela UNOESTE/SP, especialista em Língua Portuguesa pela FPA/SP, em Metodologia do Ensino Superior pela Unites/RO, e Gestão de Pessoas pela Unicentro é professora de Língua Portuguesa na Fimca/Unicentro e na rede estadual de ensino em Jaru/RO. ivanir@unicentroro.edu.br.

don't have the support of a psycho-pedagogue and of the interdisciplinary team nor receive any training in order to work with some disabilities and difficulties. Nonetheless teachers consider themselves able to deal with these students because they search for information in electronic sources. However there are neither resources nor a differentiated methodology making it impossible for the pupil to reach his/her full development and interaction with the world and with other people. A psycho-pedagogue can act therapeutically at school in order to prepare the teachers for individualized pedagogical attendance. This is why his/her presence is so important and necessary in the school environment.

Key words: Learning difficulties. Psycho-pedagogue.

1. INTRODUÇÃO

A dificuldade de aprendizagem tem sido um dos grandes problemas na escola. Os professores se sentem perdidos, pois não têm o suporte de uma equipe interdisciplinar com todos os especialistas necessários na escola. Como as crianças estão sendo diagnosticadas, avaliadas? Como o problema de aprendizagem vem sendo tratado na escola? A essas crianças com dificuldades de aprendizagem está sendo ofertada diversidade na forma de ensinar? Estão sendo oferecidos recursos profissionais e institucionais para uma educação de qualidade? Somente boa vontade do professor não basta.

A elaboração deste artigo deve-se à participação e a aplicação de projetos nas escolas, durante a observação e regência nos estágios. Observando os professores e alunos, ambos com dificuldades: professores em lidar como ensino-aprendizagem e alunos com dificuldades de aprendizagem. Ao falarmos de problemas de aprendizagem, não podemos deixar de citar a importância do psicopedagogo na escola, profissional indicado para assessorar e esclarecer à escola em diversos aspectos do processo ensino – aprendizagem. Há um considerável número de alunos que, sem aparentar deficiência mental, problemas de visão ou audição, não alcançam rendimentos esperados em sua aprendizagem. Que tipo de leitura está sendo feita diante o fracasso escolar desses alunos?

Diante da nova demanda que chega à escola, a resposta à diversidade tem sido considerada por parte dos professores como um problema que ultrapassa suas possibilidades e funções, pois exige a presença de novos profissionais no ambiente escolar. Tal perspectiva vem sendo reforçada pela Educação Inclusiva, já que a

escola tem matriculado alunos com sérios problemas de aprendizagem ou com necessidades educacionais especiais em geral.

Esse trabalho de pesquisa objetiva propiciar uma reflexão sobre a importância do psicopedagogo na escola, como este profissional capacitado pode ajudar o professor e o aluno, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e aprendizado do educando. Resolveu-se fazer uma pesquisa de campo com aplicação de questionários em quatro escolas do município de JARU-RO, a fim de conduzir a uma ação reflexiva sobre as dificuldades de aprendizagem e as possíveis intervenções psicopedagógicas nos anos iniciais do ensino fundamental.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Dificuldades de aprendizagem

A dificuldade de aprendizagem não tem como causas apenas deficiências do aluno. Também consequências de problemas escolares, tais como a organização de instituição, dos métodos de ensino, da relação professor e aluno, da linguagem do educador, entre outros.

Segundo Zorzan (2010), “não aprender” passa ser entendido como um sintoma carregado de significados, e que não se opõe ao aprender. Portanto, a fala do autor esclarece que o não aprender pode ser analisado e diagnosticado, porém, não significa que a criança não irá aprender, e sim que cada uma aprende conforme sua limitação.

Sabemos que o fracasso escolar é um fenômeno crescente em nossas escolas e isso tem preocupado quem trabalha na educação, existem diversas formas de esse fracasso se manifestar: as repetências, evasões e, as mais comuns, dificuldades de aprendizagem. Além do preconceito excessivo em torno das crianças que não aprendem.

É preciso refletir nossas práticas pedagógicas para verificar se estão contaminadas por esses preconceitos. Muitos alunos chegam à escola sem apresentar problemas no seu desenvolvimento e nem na sua aprendizagem porque, na sua vida cotidiana, eles têm conhecimento prévio: sabem dizer o endereço de sua casa, pegar ônibus, pagar e conferir troco, dar recado, contar uma história,

soltar pipa, comprar coisas, vestir-se, entender um cartaz e mais uma série de outras coisas.

Depois de algum tempo, contudo, essas mesmas crianças começam a apresentar problemas para aprender os conteúdos escolares. O que será que acontece com essas crianças? Para compreender essa questão, é preciso compreender o contexto de vida desses alunos, pois o fato de essas crianças apresentarem problemas para aprender, dificulta suas vidas na escola.

Ouvimos termos como hiperatividade e dislexia que são usados nas histórias para explicar os problemas de aprendizagem dos alunos. E, realmente, são usados muitos nomes para definir os problemas de aprendizagem que acabam originando o fracasso escolar: deficiência, incapacidade, distúrbio, inaptidão, dislexia, hiperatividade, problemas, dificuldades e tantos outros. Esses termos acabam se tornando “rótulos” atribuídos às crianças que não aprendem.

Existe um movimento muito grande, na sociedade e na escola, no sentido de transformar crianças “normais” em “doentes”, somente porque não aprendem os conteúdos escolares. No entanto, muitos estudos e pesquisas foram feitos para descobrir o que realmente causam esses problemas. Faz-se necessário explorar os diversos pontos de vista: do aprendiz, para perceber seu potencial de gerar interesse e compreensão; do professor, para compreender suas possibilidades didáticas e, finalmente, repensá-las, adaptando-as à sua realidade.

2.2 O professor frente às dificuldades de aprendizagem

A Dificuldade de Aprendizagem tem sido um grande problema nas escolas, visto que uma grande parte dos alunos inseridos em salas de aula apresenta algum tipo de dificuldade, que estão correlacionados, apresentando diversos fatores que acabam contribuindo para isso. São variáveis as causas das dificuldades de aprendizagem, de local para local, de aluno para aluno, de família para família, decorrendo também da condição social do aluno.

O professor, através do ritual pedagógico (cópias, correções e exercícios etc.), procura pôr em prática o conteúdo a ser transmitido e é nesse confronto entre o que se deve ensinar e o que quer aprender que surgem novas formas de aproximação entre professor e aluno, criando um todo

complexo de relações, onde entra em jogo a história individual de cada um, bem como o contexto social. (GASPARIAN,1997, p.14).

A problemática do insucesso escolar e da repetência, não está apenas na criança, e cabe a instituição escolar e ao sistema social a tarefa de resolver a questão. O professor precisa dar outro significado ao termo aprendizagem, pois mesmo em “turmas homogêneas”, crianças consideradas “normais”, apresentam defasagens, erros, transições, oscilações motivacionais, pois um determinado conteúdo é assimilado em níveis e proporções diferentes.

As vias de acesso ao conhecimento são, portanto, as mesmas, tanto para as pessoas consideradas capazes de uma aprendizagem “normal”, quanto para aquelas que aprendem de forma “diferente”.

Segundo Jardim (2001p. 118), “Os professores terão de aceitar que não há métodos maus. Há métodos que servem para umas crianças e não servem para outras”, situações diferenciadas de aprendizagem permitem a cada aluno estabelecer os seus próprios planos para alcançar os objetivos, dando-lhes liberdade e autonomia para definir os métodos de “trabalho” a serem utilizados para realizar a aprendizagem, ainda nas palavras do autor anteriormente citado “não é por que uma criança não aprende com um método, que se concluirá que ela não aprenderá”.

Bernrd Charlot (2000 p.30) afirma que, diante de um aluno que fracassa em um aprendizado, pode se fazer dois tipos de leitura:

- Frequentemente é feita uma leitura negativa da situação. Fala-se em deficiências, carência e lacunas. Mas uma leitura positiva quer saber: o que está acontecendo com este aluno?

- A leitura positiva busca compreender como as situações de fracasso foram se constituindo na trajetória desse aluno. O que ocorreu com ele? O que ele fez? O que ele pensou? Não procurando somente o contrário: o que ele não fez, o que ele não pensou, o que ele não entendeu.

A leitura positiva quer saber o que está ocorrendo, em que situações ele fracassa e em quais ele consegue ter sucesso, “buscando compreender como se constrói a situação de um aluno que fracassa em um aprendizado e, não o que “falta” para essa situação ser uma situação de aluno bem – sucedido” (CHARLOT, 2000, p.30).

Muitas crianças não aprendem por simples problemas, mas um simples problema pode trazer grandes transtornos para suas vidas.

O aluno ao chegar à escola cheirando a xixi, por exemplo, pode contribuir para que ele apresente dificuldade em aprender, pois os amiguinhos e a professora o rejeitam, e ao sentir-se desprezado, com autoestima baixa, o rendimento escolar fica prejudicado. Se ocorrer a investigação e o diagnóstico corretamente a tempo, o insucesso escolar poderá ser evitado. A intervenção poderá vir com um simples banho desde um encaminhamento a outro profissional, ao se perceber algo mais grave.

Outras são taxadas como preguiçosas e indisciplinadas. Quando essas crianças são alvos de uma investigação e um diagnóstico, a descoberta pode ser surpreendente. Problemas que muitas vezes passam despercebidos aos olhos da família e do professor, assim cabe ao psicopedagogo junto à equipe interdisciplinar um olhar investigativo.

O professor na atualidade atende várias causas na sala de aula, o que é preocupante, porque ali estão sendo atendidas crianças com déficit de aprendizagem em decorrência de vários fatores, várias situações em que podem estar inseridas, ao mesmo tempo trabalha-se com todos os alunos dentro dos padrões normais de aprendizagem.

Saber estabelecer métodos é saber trabalhar uma metodologia para ensinar, sem prejudicar aquele que está em desenvolvimento contínuo, e ao mesmo tempo saber promover o aprendizado do aluno que está com déficit de aprendizagem.

É fundamental importância que o professor na sala de aula utilize procedimentos que facilitem, nos seus alunos, a aquisição de uma estrutura cognitiva adequada, ou seja, que os conceitos mais amplos das diversas disciplinas estejam claramente estabelecidos. (MASINI, SANTOS, SHIRAHIGE, 1993, p.28).

Estabelecer condições para a aprendizagem do aluno requer que o professor estabeleça uma série de procedimentos metodológicos. De maneira natural, o professor consegue fazer com que o aluno se desenvolva cognitivamente, e aprenda de forma significativa.

O papel do professor é tornar seus alunos capazes de pensar, de se desenvolver; o papel do psicopedagogo é sugerir estratégias de ensino aos professores e aos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, tornando-os, também, capazes de pensar e de se desenvolver individualmente, no meio social e na escola. Seu papel está em orientar pais, professores e toda equipe interdisciplinar para desenvolver trabalhos que resultem de maneira positiva no ensino aprendizagem.

O professor tem grande responsabilidade com seus alunos, sendo cobrado constantemente por diversos profissionais da Educação. Entretanto, muitas são as falhas na formação do educador, pois muitas vezes o curso o prepara para uma realidade totalmente diferente. Ao se deparar com as diferenças, o educador se dispõe a intervir, mesmo sem formação adequada para lidar com a diversidade que compõe a sala de aula, havendo então a necessidade de um profissional para fazer o diagnóstico e intervenção das dificuldades de aprendizagem.

2.3 Dispersão ou Hiperatividade? A disfunção que impede o aprendizado

Outro problema que vem se alastrando pelas escolas é a “hiperatividade”. Tem se tornado muito comum “diagnosticar” crianças que são muito inquietas, que conversam e não se concentram, não terminam tarefas iniciadas, por uma série de ansiedade, como se fossem “hiperativas”. Ou, “por “outro lado, aquelas que não observam ao seu redor, estão sempre distraídas,” no mundo da lua”, dispersas, também acabam recebendo o “rótulo” de hiperativas, porque só não se concentram nas atividades escolares, mas ficam muito espertas para outros assuntos, ou seja, de um jeito ou de outro, se a criança não produz conforme a maioria acaba sendo diagnosticada como tendo alguma “disfunção” que atrapalha o seu aprendizado.

Assim se inicia um processo de rotulação na vida dessas “crianças-que-não-aprendem”, que pode vir a ser um destino na vida delas. E o rótulo muitas vezes é atribuído rapidamente, tornando-se uma descrição exata dessa pessoa e pode vir a ser um caminho sem volta, como um destino, com danos que perduram na vida do sujeito. (JAFFERIAN, BARON, 2015, p.121)

A hiperatividade é um fenômeno neurológico, que aparece junto com vários outros sintomas, e que precisa de um exame médico rigoroso para ser diagnosticado, porém não podemos ficar citando causas neurológicas, como origem das dificuldades de aprendizagens, porque este é um caminho que, em vez de sugerir explicações para essas dificuldades, tende a criar preconceitos, pois essas dificuldades podem estar presentes na aprendizagem do aluno de forma temporária, de forma isolada e não apresentar problemas sérios.

Além disso, há muito que fazer com diversas atividades pedagógicas para a superação dessas dificuldades. Mas o que acontece realmente com esses alunos é que a responsabilidade fica sendo apenas deles, as falhas são entendidas só do lado do aprender, é o aluno um ser inquieto, bagunceiro apresentando fatores que automaticamente já o condenam como um estudante rebelde que não está interessado em aprender, quando pode ser um problema que requeira tratamento aliado a um trabalho pedagógico que o ajude a se desenvolver.

Dessa maneira, as causas das dificuldades de aprendizagem e a origem desses problemas irão se concentrar no aluno.

2.4 Fatores neurológicos que influenciam algumas funções cognitivas, dificultando na aprendizagem (dislexia)

Outro termo muito usado é a dislexia que é uma desordem, uma dificuldade que se manifesta na aprendizagem da leitura e da escrita. Ela tem sua origem em fatores neurológicos e influencia algumas funções cognitivas. Quem tem dislexia pode apresentar uma inteligência adequada, uma saúde geral boa, os órgãos dos sentidos sem problemas e dar conta de aprender conteúdos escolares sem dificuldade.

O que acontece é que a criança não tem a mesma facilidade para ler ou escrever que as outras crianças, apesar de não apresentar outros problemas. Sua leitura oral e sua escrita apresentam dificuldades que se repetem e se acumulam, mesmo se a criança faz um esforço para se corrigir.

A dislexia é um conjunto de distúrbios neuropsicológicos apresentados no processo de aprendizagem, revelando-se por dificuldade em leitura e escrita, isto é, em extrair um significado dos sinais gráficos (letras, números, notas musicais), sem que haja um déficit intelectual grave. (DROUET, 2001 p.154)

De acordo com a fala de Drouet (2001), reconhecer a dificuldade que essas crianças enfrentam, sabendo da importância dos estágios escolares, os “processos educacionais” para seu desenvolvimento cognitivo é fundamental para que a criança se desenvolva, mas sem pressa que o mesmo ocorra.

A Associação Brasileira de Dislexia - ABD abre as suas portas para tratamento de pessoas que necessitam de um trabalho de intervenção seja ele de natureza diagnóstica com dislexia ou de interessados em apoio acadêmico. Este trabalho é realizado por equipe de profissionais especializados (psicopedagogos, pedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos) com experiência em distúrbios de aprendizagem e ênfase em Dislexia.

2.5 Dislexia e seus desafios na aprendizagem

Para que uma criança seja diagnosticada com dislexia, é necessário que um conjunto de fatores esteja presente, ao mesmo tempo, comprometendo a compreensão da leitura ou da escrita; confundir letras, sílabas ou palavras com escrita ou som semelhante como: m-n, b-d, p-b, b-q, entre outras; trocar ou inverter, parcialmente ou totalmente, sílabas, palavras ou números: me-em, sol-los, som-mos, pal-pla. Substituir ou criar palavras de estrutura parecida, mesmo que o significado seja diferente como: soltou/salvou; era/ ficava; acrescentar, repetir ou omitir sons, sílabas ou palavras como: famoso-fama; casa-casaco.

Pular uma linha, voltar para linha anterior, perder a linha ao ler, escrever em espelho; apresentar dificuldade em ditados e escrita espontânea; apresentar dificuldade para aprender séries como: dias da semana, meses, ano, alfabeto, horas e relações de sequência e tempo, ex: ligar um acontecimento a outro no tempo; apresentar dificuldade para orientação no espaço, para aprender a noção de direita e esquerda e para situar-se com relação a mapas, globos terrestres e seu próprio ambiente; apresentar dificuldade para entender a formulação e solução de problemas e interpretar texto e enunciados.

Fonseca (1995 p.353) afirma que:

Para nos apercebermos destes problemas e, no sentido de podermos intervir, devemos estar aptos a construir elementos de diagnóstico ou de identificação visual e auditiva, a fim de conhecermos profundamente a criança, antes de orientarmos a sua aprendizagem, de acordo com suas

necessidades específicas, que também devem ser conhecidas antecipadamente. (FONSECA, 1995 p.353)

Segundo o autor o professor tem que ter um “olhar informal” sobre seu aluno, a fim de perceber os problemas diários de uma sala de aula. Pois é com este olhar de “diagnóstico informal” que o professor pode ajudar a criança.

2.6 Avaliar os motivos, acompanhar o ritmo dos alunos para não correr o risco de rotular.

É preciso muita atenção, pois são muitas as dificuldades que compõem uma dislexia! O fato de um aluno apresentar um ou alguns desses fatores, em algumas situações ou em alguns momentos, não significa que ele tenha dislexia, várias dificuldades como essas têm que manifestar quase sempre e quase ao mesmo tempo, para caracterizar uma dislexia.

Muitas vezes, alguns “erros” que as crianças apresentam podem ser passageiros e comuns no início da aquisição da leitura e da escrita escolarizada. Um fator muito importante é que se conheçam algumas das causas e manifestações da dislexia, para não correr o risco de comparar uma criança com outra, pois as crianças não aprendem no mesmo tempo e nem no mesmo ritmo, cada uma tem o seu tempo, principalmente quando se sabe que a criança se desenvolve de acordo com o ambiente em que vivem, ou seja, o desenvolvimento de uma criança para outra pode ser diferente, isso nem sempre é porque a criança apresenta algum problema.

A dislexia é um problema no funcionamento de algumas áreas do cérebro, que afeta a aprendizagem da leitura e da escrita, mesmo em crianças normalmente inteligentes e escolarizadas. Precisamos ficar atentos para o fato que nem toda confusão na discriminação de letras ou sons é um sintoma de dislexia! Há muitas alternativas educacionais a serem usadas para desenvolver e melhorar o sistema de leitura e escrita de crianças que têm aprendizagens diferentes!

2.7 Não aprender no mesmo ritmo pode ser considerado como deficiência mental?

Esclarecendo: o termo deficiência está relacionado a problemas biológicos, sendo geralmente causado por ausência ou lesão de órgãos. Quando a criança apresenta algum problema mental ou nos seus órgãos dos sentidos (audição, visão etc.), esse problema pode representar uma deficiência. Mas, o fato de ter algumas capacidades comprometidas não significa que será definitivamente incapaz para muitas outras funções.

Mesmo com algumas deficiências, as crianças não podem ter suas chances para aprender limitada, porque elas podem ir além do que esperam dela, ou seja, “o conceito de estimulação precoce refere-se às ações que proporcionam às crianças experiências que favorecem o seu desenvolvimento integral de modo a atingir o máximo de seu potencial”.(MEC, 1997, p.61)

Uma criança surda, cega ou com problemas mentais, dependendo da intensidade, pode estudar e aprender no mesmo ritmo de muitos de seus colegas. Nem sempre a criança com deficiência apresenta algum problema na aprendizagem e, portanto, não pode ter desvantagem escolar. “A deficiência mental está associada, ainda, à falta de apoio necessário ao desenvolvimento e à aprendizagem da criança e ao seu ajustamento e adaptação familiar, social e comunitária”.(MEC, 1997,p.58)

2.8 Contribuições do psicopedagogo no esclarecimento das dificuldades de aprendizagem.

Nas escolas, é grande o número de alunos que apresentam dificuldade de ler, escrever, mesmo de organizar o pensamento. O psicopedagogo pode contribuir no esclarecimento dessas e de outras dificuldades de aprendizagem. Esta situação demonstra a importância da ação preventiva desse profissional, uma vez que, “ a escola é um dos agentes responsáveis pela integração da criança na sociedade além da família”. (KAUARK e SILVA2008, p.269).

Para isso, o psicopedagogo deverá promover atividades que articulem a visão e a audição, atividades que exercitem ouvir, falar, ler e escrever; Utilizar imagens, sons, cores e outros recursos que reforcem a análise dos sons com reforço visual; empregar frases simples; usar imitação de ritmos, de sons agrupados, de códigos, de símbolos que mobilizem a discriminação de novas aquisições auditivas e

visuais; selecionar métodos que trabalhem o corpo e os sentidos; planejar discussões orais e exposição de acontecimentos e, também, momentos com atividades que liguem sons não-verbais, utilizando palavras com mesma configuração, pequenas frases ou pequenas histórias; criar jogos para exercitar discriminação visual, auditiva, tátil, de formas, de sons, etc.

Nesse papel de mediador, o psicopedagogo poderá despertar no paciente o desejo de aprender e de conhecer o novo. Pretende-se, assim, que o sujeito comece a se arriscar mostrando-se nas suas possibilidades como autor de seu saber, se implicando, como "sujeito de uma ação inteligente", que se apropria do conhecimento. E, ao tentar resolver uma situação desafiante com interesse, com alegria e com autonomia sabe que estamos juntos, mas não para dar respostas, e sim, para encontrar caminhos.(JAFFERIAN, BARON, 2015 p.122).

As crianças chegam à escola e, junto com elas diversidade de motivações, interesses e capacidades que se modelam, tendo então exigência de novas competências no professorado, e a presença de novos profissionais nas escolas. Como afirma a psicopedagoga, Alicia Fernández em uma entrevista a Revista Direcional Educador (2008) sobre as dificuldades ou problema de aprendizagem:

Antes de falarmos de dificuldades ou problemas, devemos falar de capacidades e possibilidades. Somente assim poderemos realizar duas tarefas: primeiro, tratar dos problemas e segundo, o que é mais importante, evitar que apareçam. A aprendizagem não é um meio para se obter outra coisa. É um fim em si mesmo. Nós humanos nascemos carentes. Somos os mais indefesos da espécie animal. O filhote humano se faz humano graças à aprendizagem. Esta "fraqueza" instintiva orgânica é seu grande potencial. Como todo bebê nasce imaturo biologicamente, sem os mínimos recursos próprios para sobreviver, precisa de outro humano que o ensine, que o reconheça como semelhante, que queira e que acredite que pode aprender. Todo aprender é problemático, porque inclui, no mínimo, três sujeitos: "o aprendiz", "o ensinante" e o sujeito social (a sociedade na qual está inserido). Não é o organismo que aprende, ainda atividades quase biológicas como o caminhar, o controle dos esfíncteres, o comer sozinho; para serem adquiridas não requerem apenas um organismo sadio, e sim, principalmente, uma aprendizagem. Aprendizagem que ocorrerá de acordo com o ambiente, mais ou menos favorável no qual a criança se desenvolve. Quer dizer, se falarmos de dificuldade de aprendizagem, falamos de dificuldades no ou para o meio familiar, e ou educativo/ensinante. (FERNÁNDEZ, 2008, s/p).

A avaliação das possíveis causas de dificuldades de aprendizagem dos alunos revela-se como um dos componentes ocorrentes da intervenção psicopedagógica, não apenas porque os profissionais da área psicopedagógica (psicólogos, pedagogos e psicopedagogos) dedicam a tal tarefa boa parte do seu

tempo, mas porque nela se fundamentam as decisões voltadas à prevenção e, se for o caso, a solução das possíveis dificuldades dos alunos e, em última análise, à promoção das melhores condições para o seu desenvolvimento.

Segundo Kauark e Silva (2008, p.264), o “psicopedagogo atua como mediador entre o aluno e a cultura na circulação do conhecimento, não ficando no lugar de autoridade”. O psicopedagogo está na escola para contribuir com o professor, com o aluno e com a família, que geralmente se veem perdidos, sem embasamento e sem instrução para trabalhar com os problemas. Ele tem o conhecimento e alternativas para o professor trabalhar com os alunos, pois teve uma qualificação e especialização adequada para intervir nas dificuldades de aprendizagem.

A Psicopedagogia é a área do conhecimento que trabalha diretamente com as dificuldades das pessoas relacionadas à aprendizagem, pois estuda como se dá esse processo. Em geral, o psicopedagogo é procurado quando as dificuldades já estão presentes, e seu papel é avaliar e estabelecer um plano de intervenção. No entanto, a Psicopedagogia não se caracteriza apenas como uma área que atua quando já existe o problema ou dificuldade, mas pode atuar também de forma preventiva, no intuito de evitar que elas se instaurem. (FREITAS e CORSO, 2016 p. 207).

O psicopedagogo é fundamental na escola, podendo ajudar educadores a desenvolver seu papel frente às necessidades que aparecem na sala de aula, instruindo, incentivando, oferecendo ferramentas para trabalhar, melhorando o ensinar do professor e a aprendizagem do aluno.

O professor por sua vez, deve buscar meios e técnicas para desenvolver o aprendizado, tornar seus alunos capazes de pensar, de se desenvolver. O papel do psicopedagogo é sugerir estratégias de ensino aos professores e aos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, tornando-os também capazes de pensar e de se desenvolver individualmente, no meio social e na escola. Seu papel está em orientar pais, professores e toda equipe interdisciplinar para desenvolver trabalhos que resultem de maneira positiva no ensino aprendizagem.

O psicopedagogo não é um psicólogo, mas é um profissional que trabalha realizando trabalhos psicopedagógicos, e quando há necessidade, ele encaminha para outros profissionais dar continuidade ao trabalho. O atendimento psicopedagógico é importante, e muitos casos são resolvidos dentro da escola. Mas às vezes há necessidade de fazer encaminhamento para profissionais, como o

psicólogo, neurologista entre tantos outros, que possam dar um atendimento adequado para o aluno.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O tema do trabalho surgiu a partir de observações das dificuldades de alguns alunos e reflexões obtidas nas aulas durante o Estágio e em Projetos executados. Para dar visibilidade concreta ao assunto em questão, realizou-se uma pesquisa em duas Escolas no município de Jaru-RO.

A entrevista semiestruturada foi planejada através de questionário no qual continha um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista, respondida pela própria Orientação Escolar e Supervisão de duas escolas do Município de Jaru-RO.

A escola A, fica em bairro periférico (setor 7), atendendo alunos em sua maioria de famílias de baixa renda; e a escola B localizada no centro da cidade atende a alunos de famílias da classe B e C, e através de documentos com registros do ano de 2017, responderam a todas as perguntas para a conclusão da pesquisa.

3.1 Resultados discussão dos dados:

Para melhor compreensão dos resultados, optou-se por apresentar os dados obtidos, organizados no quadro para possibilitar uma melhor visualização.

Quadro: laudos e diagnóstico do ano de 2017

| Encaminhamentos | Profissional | Laudo com causa encontrada | Na escola diagnóstico. | Dica de como trabalhar com o aluno que apresenta deficiência | Medicamento receitado | Diagnóstico e acompanhamento por um Psicopedagogo |
|-----------------|--------------|----------------------------|-----------------------------------------|--------------------------------------------------------------|-----------------------|---------------------------------------------------|
| 42 | Neurologista | 31 | Professor/ Orientador/ Supervisor | 0 | Ritalina | 0 |

Fonte: autora, 2017.

Como mostra o quadro, no ano de 2017, foram feitos 42 encaminhamentos de alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem. Das

42 crianças encaminhadas, nenhuma passou por uma análise com um psicopedagogo, apenas por avaliação de seus professores que notaram a dificuldade de aprendizagem e observaram o comportamento.

Sem que houvesse uma investigação, um estudo de caso, todos foram logo encaminhados ao neurologista. 31 crianças retornaram com laudo apresentando alguma deficiência, como dislexia e hiperativos, todos sem indicação de como trabalhar com elas, ficando o professor sem apoio e sem orientação.

Após o diagnóstico médico revelando o problema que está dificultando a aprendizagem do aluno, geralmente a intervenção é realizada através de medicamentos como Ritalina.

No primeiro momento são identificados os problemas pela observação dos professores de sala de aula regular com avaliações diagnósticas pedagógicas, quando analisam o comportamento do aluno e seu desempenho na aprendizagem escolar.

Os professores com base em seus conhecimentos adaptam as atividades de acordo com a dificuldade de aprendizagem relatada ou não no laudo. Os alunos que tem deficiência comprovada por laudo, também recebem atendimento na sala de recurso uma vez por semana. O professor e o aluno não têm acesso a esse material em sala de aula regular.

Em alguns casos, professores da sala de recursos também fazem análise dos problemas. Os educandos só contam com a boa vontade do professor, este que não recebe formação adequada, e nenhum suporte da equipe interdisciplinar que na maioria é incompleta. Para Rubinstein(1987, p. 103),

[...] num primeiro momento a psicopedagogia esteve voltada para a busca e o desenvolvimento de metodologias que melhor atendessem aos portadores de dificuldades tendo como objetivo fazer a reeducação ou a remediação e desta forma promover o desaparecimento do sintoma. E, ainda, a partir do momento em que o foco de atenção passa a ser a compreensão do processo de aprendizagem e a relação que o aprendiz estabelece com a mesma, o objeto da psicopedagogia passa a ser mais abrangente: a metodologia é apenas um aspecto no processo terapêutico, e o principal objetivo é a investigação de etiologia da dificuldade de aprendizagem, bem como a compreensão do processamento da aprendizagem, considerando todas as variáveis que intervêm neste processo.

Portanto, é necessário trabalhar com método diferenciado para a adaptação de atividades de acordo com a dificuldade do aluno. Já a medida de intervenção pedagógica será realizada pelo professor da turma e caso haja

deficiência comprovada por laudo, o aluno terá uma nova matrícula na sala de recursos onde participará de atendimento no contra turno da sala regular.

A Orientação é quem desempenha o papel do psicopedagogo nas escolas, fazendo diagnóstico e entrevista familiar para identificar a causa da dificuldade apresentada pelo aluno. Com relação a haver na escola profissional qualificado, ou seja, se havia atendimento psicopedagógico para atender as crianças com necessidades educacionais especiais, a Orientadora da escola B disse: “hoje há vários cursos e informações na internet que ampliam o conhecimento”.

Portanto, já que há variedades de cursos que ampliam o conhecimento, a orientadora não julga tão necessário um profissional com formação específica na escola.

Assim sendo, pensar a escola à luz da Psicopedagogia implica nos debruçarmos especialmente sobre a formação do professor. Pode-se dizer, por conseguinte, que uma das tarefas mais importantes na ação psicopedagógica preventiva é encontrar novas modalidades para tornar essa formação mais eficiente. Sabe-se que as profissões são escolhidas atendendo a profundos desejos inconscientes, e que não se questiona e nem leva em conta as motivações dessa escolha ao longo da formação do professor. Assim, pois, as propostas de formação docente devem oferecer ao professor condições para estabelecer uma relação madura e saudável com seus alunos, pais e autoridades escolares. Investigar, analisar e realizar novas propostas para uma formação docente que considere esses aspectos constitui uma tarefa extremamente importante, da qual se ocupa a Psicopedagogia. (BOSSA, 1994, p.71).

Como explica o autor, o professor deve analisar e realizar novas propostas, contudo muitos professores estão mais preocupados com o conteúdo, com o silêncio e a organização na sala de aula. Ainda não compreenderam que os jogos e brincadeiras não são simplesmente um “passatempo” para distrair os alunos, ao contrário, são estratégias para ensinar e estimular a criança a desenvolver-se na Educação Infantil

Todo esse contexto leva-nos refletir sobre o distanciamento das propostas dos cursos de formação e as intenções dos professores na prática docente. É preciso tempo para refletir, possibilitar investimento, mudança de paradigmas e revisão de posturas sociais arraigadas já há muito tempo. Tanto por parte dos professores como de toda a sociedade.

O docente que deseja atuar eticamente com profissionalismo e busca melhoria das práticas educacionais, deve estar em constante atualização de suas práticas pedagógicas para estar inserido em uma Educação Democrática e

Inclusiva. Sabendo ele que ensinar não é transferir conhecimento, e que exige ética e compromissos como educador.

Cheio de significados e sentidos, o jeito como os pequenos explicam o mundo à sua volta não deve ser tomado como verdade, mas tampouco pode ser reprimido. É preciso, portanto, oferecer condições para que a criança exerça seu pensamento, sua expressão e possa evoluir. Quanto mais a escola puder oferecer mais chance há de caminhar para a diferenciação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo principal refletir sobre a importância da atuação do psicopedagogo na escola. Os problemas de aprendizagem devem ter a atenção da escola, pois vivemos um momento de conflito socioeconômico que tem como consequência problemas escolares que necessitam procedimentos remediáveis imediatos.

O psicopedagogo pode atuar terapeuticamente na escola de modo a preparar o professor para a realização de atendimentos pedagógicos individualizados, auxiliar na compreensão de problemas na sala de aula, permitindo ao professor ver alternativas de ação e ver maneiras com que os demais técnicos podem intervir e participar do diagnóstico dos distúrbios específicos de aprendizagem e atender pequenos grupos de alunos.

O trabalho do psicopedagogo se dá numa situação de relação entre pessoas, um encontro entre educador e educando, em que o psicopedagogo precisa assumir sua função de educador, trazendo de dentro do educando capacidades e possibilidades muitas vezes desconhecidas dele mesmo e incentivando a procurar seu próprio caminho e a caminhar com seus próprios pés.

O objetivo do psicopedagogo é o de conduzir a criança ou adolescente, o adulto ou a instituição a reinserir-se e a se capacitar numa escolaridade normal e saudável, de acordo com as possibilidades e necessidades dela. Entender o que o aluno já pensa a respeito daquilo que vai aprender e como está assimilando as informações; valorizar seu conhecimento prévio é acreditar que o processo de ensinar e aprender é relacional, mas que cabe ao professor organizar e mediar o

conteúdo ensinado, mobilizando afetos e desejo do aluno para que ele se aproprie e transforme o conhecimento.

Precisamos incentivar os alunos a participarem de trabalhos coletivos, promovendo atividades mais contextualizadas, e se o professor investir mais na afetividade, procurando conhecer melhor o aluno, mostrando-se preocupado em planejar suas atividades de ensino para contemplar a diversidade de características presentes na sala de aula, com certeza, esse professor terá uma grande satisfação no final de cada período. Pois, terá a percepção do dever cumprido ao notar que as dificuldades de aprendizagem existem, mas é preciso aplicar todos os recursos pedagógicos antes de sugerir uma consulta médica e não fazer hipóteses antecipadas, correndo o risco de rotular este aluno.

De acordo com a pesquisa realizada, percebemos a falta do psicopedagogo na escola para acompanhar os alunos e professores, a fim de dar um suporte maior em seus problemas diários. Fica explícita a falta desse profissional para desenvolver trabalhos pedagógicos em conjunto com todo corpo docente escolar, assim proporcionando melhorias no aprendizado e contribuindo para o próprio trabalho do professor.

Percebemos que alguns dos professores se acham conhecedores deste trabalho apenas porque leu um artigo online, mas não consegue fazer este atendimento devido à quantidade de alunos para ensinar. A grande realidade de um professor hoje é atender de 25 a 30 (trinta) alunos dentro de uma sala de aula em que há diversos contextos, dificuldades e realidades umas diferentes das outras.

Visto como profissional conhecedor e capacitado, o psicopedagogo através de sua especialização e estágios voltados às áreas justamente desses problemas que a escola enfrenta, está habilitado para lidar com esta demanda que está crescendo cada vez mais. Cabe, portanto, aos órgãos competentes assegurar a sua presença nas unidades escolares, garantindo aos alunos o atendimento adequado, segurança e apoio aos pais e professores.

4.REFERÊNCIAS

ABD-Associação Brasileira de Dislexia. **O que é a Dislexia**, Setembro 2016. Disponível em: www.dislexia.org.br. Acesso em 17 ago.2017

BOSSA, N. A **Psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas,1994. p.71.

CHARLOT, B.da.**Relação com o Saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas,2000.p.30.

DROUET, Ruth Caribé da Rocha. **Distúrbios da Aprendizagem**.4º ed. São Paulo: Ática, 2001.p.137-155.

FERNÁNDEZ, Alicia. **Revista direcional Educador**, edição 43, agosto 2008. Disponível em: <http://vivainfancia.org.br>. Acesso em 8 abr. 2017.

FONSECA, Vitor Da. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. 2º ed.rev.aumen. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p.353.

FREITAS, Clariane do Nascimento; CORSO, Helena Velhinho. **A psicopedagogia na educação infantil: O Papel das brincadeiras na prevenção das dificuldades de Aprendizagem**. Rio Grande do Sul, 2016. p. 207. Disponível em:www.revistapsicopedagogia.com.br. Acesso em 12 abr.2017.

GASPARIAN, Maria Cecília Castro; **Psicopedagogia institucional sistêmica: Contribuição do Modelo Relacional Sistêmico para a Psicopedagogia Institucional**. São Paulo, Lemos Editorial, 1997, p.14-51.

JAFFERIAN, Vera Helena Peres; BARON, Leda Maria Codeço. **A construção e a Desconstrução do Rótulo do TDAH na Intervenção Psicopedagógica**. São Paulo, 2015, p.221.Disponível em: www.revistapsicopedagogia.com.br . Acesso em12 ago. 2017.

JARDIM, Wagner Rogério de Souza. **Dificuldades de Aprendizagem no Ensino Fundamental**. São Paulo, Brasil,Edições Loyola, 2001.

KAUARK, Fabiana da Silva; SILVA, Valéria Almeida dos Santos. **Dificuldade de Aprendizagem nas Séries Inicial do Ensino** e Ações Psico& Pedagógica. REVISTA PSICOPELAGÓGICA 2008, vol.25, n.78, p. 264-270. ISSN 0103-8486. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acesso em 12 mar.2017.

MASINI, Elcie F. Salzano; SANTOS, Edna Maria; SHIRAHIGE, ElenaEtsuko.**Psicopedagogia na escola: buscando condições para a aprendizagem significativa**. São Paulo: Unimarco, 1993. Cap. 3, p.171-176.

MEC, Ministério da educação e do Desporto, Secretaria de Educação Especial. Série Atualidades Pedagógicas. **Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental DEFICIÊNCIA MENTAL**.Brasília, 1997. p.58-61.

RUBINSTEIN, E. A intervenção psicopedagógica clínica. In: SCOZ, B.J.L. et al. **Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional.** Porto Alegre: Artes Médicas ,1987.p. 103.

ZORZAN, Rosmari Teresinha Tabaczenski. **HIPERATIVIDADE: Um Olhar Psicopedagógico.**v.5 - n.10 2010. Disponível em: www.ideau.com.br . Acesso em 14 ago. 2017.

APÊNDICE

Prezado (a) Professor (a). Sou acadêmica Elinéia Dias Teixeira do Magistério da Educação Infantil dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental Faculdade de Educação de JARU-FIMCA/UNICENTRO Mantida pela Sociedade Rondoniense de Ensino Superior Dr. Aparício Carvalho de Moraes. O questionário abaixo fará parte da pesquisa para meu artigo de Conclusão de Curso (TCC). Peço a gentileza e disponibilidade de responder o questionário, sua colaboração é de extrema importância e informo que os dados serão utilizados somente para fins de pesquisa. Desde já agradeço a colaboração. Não há necessidade de identificar-se.

TEMA DA PESQUISA: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: A IMPORTÂNCIA DO PSICOPEDAGOGO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Realização da pesquisa Ano 2017.

1. A escola possui sala do AEE?

a) () Sim b) () Não

2. Quantos encaminhamentos a escola fez de alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem no ano 2017?

R: _____

3. Quantos encaminhamentos retornaram com laudo, apresentando alguma deficiência (2017)?

R: _____

4. Quantos encaminhamentos retornaram com laudo apresentando normalidade(2017)?

R: _____

5. Quantos laudos vieram como trabalhar com alunos que apresentaram alguma deficiência (2017)?

R: _____

6. Foram encaminhados para quais profissionais (2017)?

a) () Psicólogo

b) () Médico/ Clínico Geral

c) () Neurologista

d) () Outro Profissional

e) () Não houve encaminhamento

7. Quais foram os medicamentos receitados (2017)?

R: _____

8. É feito algum tipo de diagnóstico na escola com alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem (2017)?

a) Sim () b) Não ()

9. Como é realizado o procedimento de diagnóstico (2017)?

a) () Entrevista com responsável/ colher os primeiros dados de dificuldades vivenciados pela criança.

b) () Análise do material metodológico/ Aplicado pelo Professor na sala.

c) () Avaliação comportamental e pedagógica / relatório do professor/orientador sobre a conduta em sala de aula.

d) () Não é feito o procedimento/ não tem profissional qualificado na escola.

10. É realizado por qual profissional (2017)?

a) () Profissional qualificado/Conhecimento específico/ Psicopedagogo

b) () Orientador

c) () Supervisor

d) () nenhum outro profissional

e) () Formação inicial de Professor comum

11. Os professores têm especialização para trabalhar com crianças com necessidades especiais (2017)?

a) () Sim b) () Não c) () Alguns

12. Os alunos têm algum acompanhamento Psicopedagógico (2017)?

a) () Sim b) () Não